

6.

Conclusão geral

A pergunta inicial que motivou a nossa pesquisa questionava a relevância da mensagem da Carta Apostólica *Salvifici Doloris*, do Papa João Paulo II e da mensagem do livro *Homo Patiens*, de Viktor E. Frankl como resposta aos questionamentos acerca do sofrimento humano no mundo contemporâneo. Percorremos um caminho que visava aprofundar a visão de ambos os autores sobre o ser humano, sobre o sofrimento e sobre Deus, para fundamentar a nossa hipótese acerca da atualidade, pertinência e validade das propostas das obras escolhidas.

No segundo capítulo, pudemos observar que as inúmeras conquistas e benefícios aportados pelo desenvolvimento científico e tecnológico, para o melhoramento das condições de vida das pessoas no mundo inteiro, não alcançam uma grande parte da população mundial; isso revela que vivemos num mundo de contrastes e contradições, onde a dignidade humana é, por vezes, reduzida a nada em detrimento do lucro e da busca pelo prazer. Chamou-nos a atenção que, independentemente da classe social, a falta de sentido de vida é um fator que agrava o sofrimento no mundo contemporâneo e que, quando se perde de vista o sentido, como consequência se perde o valor e a dignidade do ser humano.

Constatamos que há um forte e crescente apelo da mídia e dos detentores do poder na propagação de modelos individualistas e consumistas, que se multiplicam na sociedade contemporânea e, em virtude do bem-estar pessoal, rejeitam os seus membros mais frágeis e vulneráveis, como os enfermos, os pobres, os refugiados e os idosos. Quando a felicidade é interpretada como aquisição de bens de consumo, estamos diante de uma visão muito reduzida do ser humano e, perseguir esse ideal de felicidade gera grandes frustrações por sua incapacidade de saciar os anseios mais profundos de cada pessoa.

O caminho percorrido, com o auxílio dos autores escolhidos para esta leitura da realidade contemporânea nos faz confirmar que, quando Deus é retirado do horizonte individual e social, o ser humano passa a ser instrumentalizado como meio para fins muitas vezes iníquos.

Na busca por respostas que iluminem os desafios acima elencados, no terceiro capítulo apresentamos dois autores que tiveram histórias de vida profundamente

marcadas pelo sofrimento, mas souberam responder com coerência. De acordo com o modelo antropológico que defendiam e com a fé que possuíam, souberam inundar as suas vidas de sentido, apesar do sofrimento e no sofrimento. Com as suas escolhas, também souberam permanecer próximos daqueles que, como eles, conheceram de perto o sofrimento humano.

Assim apresentamos a biografia de Viktor Emil Frankl e a de João Paulo II com a intenção de observar as motivações e as respostas dadas por ambos aos sofrimentos que enfrentaram, e constatamos a coerência entre seus ensinamentos e a vivência dos valores apresentados por ambos como fundamentais para a realização da pessoa humana, exatamente porque não são respostas abstratas, mas partem da experiência de vida associada a uma séria reflexão e, por isso, são fidedignas, tornando-se assim, como um farol seguro que indica a direção nas densas noites em que tudo parece sem sentido.

Com o aprofundamento do livro *Homo Patiens* e da antropologia que lhe subjaz, descobrimos que Frankl compreende o ser humano como uma unitotalidade bio-psico-espiritual, e que a motivação primária da vida humana é a busca por um sentido, ao contrário das afirmações feitas pela psicanálise e pela psicologia individual que fundamentavam a realização humana na busca pelo prazer e pelo poder. O sentido tem sempre o caráter de exclusividade, devendo ser encontrado pela própria pessoa em cada situação da vida, que é sempre única. Para Frankl, portanto, o ser humano é livre e responsável, mesmo ante os fatores vitais e sociais, e que estes não são capazes de anular a liberdade humana, ao contrário, a pessoa terá sempre a possibilidade de inundar de sentido a sua existência através da autotranscendência. Assim, o próprio sofrimento adquire valor de sacrifício oferecido por algo ou por alguém.

A Carta Apostólica *Salvifici Doloris* afirma que o sofrimento permanece um mistério, mas apresenta o amor de Deus manifestado na vida de Cristo, sobretudo na sua oferta na cruz como sentido para o sofrimento humano. De acordo com a antropologia presente nas obras de João Paulo II, o ser humano, que é também compreendido como uma unitotalidade de corpo-alma-espírito, é essencialmente voltado para Deus, seu princípio e fim, e por ser imagem e semelhança de Deus é um ser relacional e só pode realizar-se na doação total de si. O sofrimento de Cristo, que são os sofrimentos da humanidade inteira, atingiu a raiz do mal e do sofrimento, por isso todo aquele que sofre e se abre à ação da graça que brota da oferta de Cristo,

é capaz de transformar a dor em sacrifício de amor por algo ou alguém. Ou seja, o ser humano permanece livre, mesmo perante o sofrimento, graças ao amor salvífico de Deus revelado em Cristo.

Conforme observado no quinto capítulo, em ambos os autores, o ser humano é livre, responsável ante os fatores físicos, sociais e psíquicos. O fator espiritual, que melhor define a pessoa humana, é responsável por fazê-lo transcender nos seus sofrimentos e, em virtude dessa capacidade exclusivamente humana, ser capaz de doar a sua vida em favor do seu próximo. Assim, a plena realização humana não está na posse de bens, nem na busca pelo prazer ou pelo poder, mas no amor.

A nossa escolha em tentar um diálogo entre os dois autores e as duas obras específicas foi justificada por comprovarmos que tanto a Logoterapia quanto a *Salvifici Doloris*, ao falar do ser humano olham para a mesma direção, ao considerá-lo livre, responsável, capaz de transcender aos condicionamentos físicos, sociais e psíquicos, graças à dimensão central da sua existência, que é a dimensão espiritual. Ambos reconhecem a dimensão dialogal do ser humano, ou seja, na sua consciência ele está sempre diante de um “Tu”, perante quem ele é responsável pelas respostas dadas à vida. A esse “Tu”, ou superpessoa, podemos chamar de Deus, e sendo o Deus revelado nas Sagradas Escrituras, o Pai misericordioso que Jesus revelou, saberemos que o sofrimento, a dor e a morte não anularão o sentido da vida.

Sabemos que o mundo contemporâneo exige eficiência, pressa, perfeição e beleza, mas a vida real é permeada por imprevistos, imperfeições e sofrimentos que suscitam respostas. Não poucas vezes a falta de resposta sobre o “por quê” do sofrimento conduz a um afastamento de Deus, e nem sempre as respostas apresentadas partem de uma visão adequada sobre o ser humano e sobre o próprio Deus.

Se por um lado a sociedade pós-moderna é incentivada a rejeitar a dimensão tradicional da religião, por outro lado multiplicam-se as formas de busca pelo sagrado. Contudo, a rejeição da dimensão espiritual do ser humano potencializa a frustração e o vazio existencial. Essa constatação revela a responsabilidade que devemos ter ao falar de Deus para quem sofre. Não podemos falsificar a imagem de Deus em detrimento de benefícios e sucesso, porque o discurso religioso só é autêntico se permanece no seguimento de Cristo, o Bom Pastor, o que significa torná-lo visível através das nossas próprias ações. Esta é a condição para que o discurso religioso seja credível na atual sociedade.

Diante do sofrimento humano no mundo contemporâneo, só poderemos apresentar o amor salvífico de Deus como sentido último da vida, se tivermos experimentado desse mesmo amor como sentido das nossas vidas; assim o anúncio torna-se testemunho, e o Evangelho passa a ser encarnado nas nossas ações.

Quem faz a experiência do amor de Deus, além de descobrir em si esta capacidade de transcender o sofrimento, fazendo dele um sacrifício por amor, descobre, ao mesmo tempo, que o sofrimento do próximo é também uma pergunta que a vida lhe faz e que respondê-la, livre e responsabilmente, fazendo-se solidário, é uma forma de inundar de sentido a própria existência.

A Igreja, na sua missão de mãe e mestra da humanidade permanece sempre ao lado dos mais fracos e busca conduzir todos à comunhão com Deus que passa, necessariamente, pelo amor desinteressado em favor dos mais necessitados, conforme o ensinamento de Jesus expresso no final do Evangelho segundo Mateus: “Vinde, benditos de meu Pai [...]. Pois tive fome e me destes de comer. Tive sede e me destes de beber. Era forasteiro e me recolhestes. Estive nu e me vestistes, doente e me visitastes, preso e vieste ver-me”.

Aqui tocamos em um ponto muito importante da mensagem cristã, porque toda a ação cristã, em vista de aliviar os sofrimentos dos irmãos, não pode ser dissociada do encontro pessoal com Cristo, para não incorrer no risco de ser transformada em assistencialismo. Da mesma forma, os mais pobres e os mais sofredores dentre os nossos irmãos têm o direito de descobrir a grandeza e a beleza do amor de Deus para, também eles, responderem livre e responsabilmente à própria existência, transformando a própria dor em amor.

Por isso, acreditamos que o pontificado do Papa Francisco, como sinal da misericórdia de Deus pelo mundo, traduz e conjuga todos esses elementos para as realidades contemporâneas. Evidentemente, por este motivo, a sua mensagem a tantos incomoda, mas a muitos toca o coração e impulsiona à verdadeira conversão.

Somos conscientes dos limites da nossa pesquisa, na qual tocamos em diversas questões sem a pretensão de aprofundá-las. Porém, não encerramos a discussão, mas deixamos a reflexão aberta, com a intenção de lançar uma humilde semente de esperança dentro da vasta e dramática realidade humana de sofrimento, e indicar caminhos para uma reflexão madura, que não exclua os elementos fundamentais que caracterizam o ser humano.

Tudo o que dissemos até aqui se tornará mais claro se seguirmos os passos de Jesus. Portanto, se o sentido da vida está na própria vida, então somente em Cristo teremos vida plena, ou seja, vida com sentido, porque Ele é o caminho, a verdade e a vida (cf. Jo 14,6). Seguir os passos de Jesus é confiar no amor misericordioso do Pai, mesmo diante da dor e do sofrimento; seguir seus passos é, como Ele, estar próximos de cada pessoa que sofre, dando-lhe o que somos e o que temos. Eis o caminho para a felicidade!